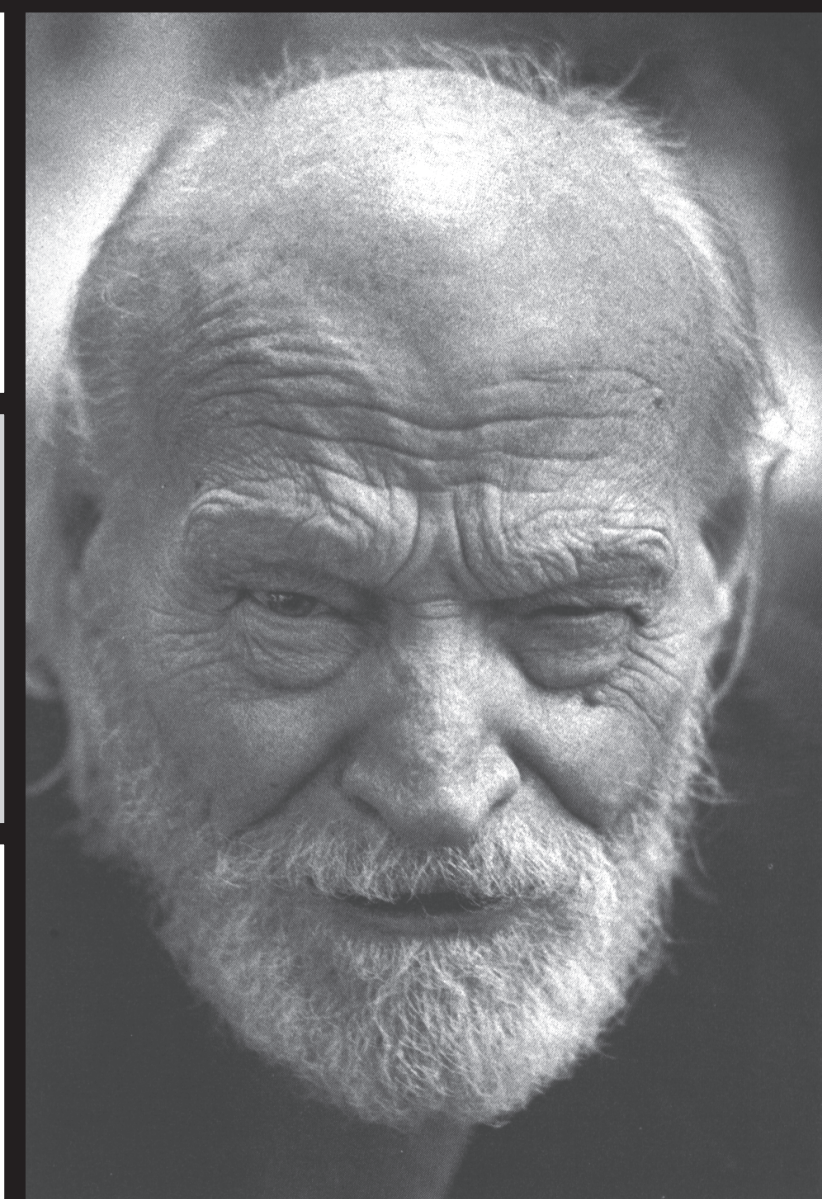


A "Terra da Trágica Agonia": Giuseppe Ungaretti no Brasil

A Teodoro Negri.
A Ítalo Bettarello e
Edoardo Bizzarri,
em memória.

MARIAROSARIA FABRIS é professora de Língua e Cultura Italiana da FFLCH-USP e Cinema da ECA-USP. É autora de *Nelson Pereira dos Santos: O Olhar Neo-realista* (Edusp/Fapesp) e *O Neo-realismo Cinematográfico: uma Leitura* (Edusp/Fapesp).





*“Ed incede il Neptunia.
A Pernambuco attracca
E,
Tra le barchette in dondolo,
E titubanti chiattole
Sul lustro elastico dell’acqua,
Nel breve porto impone, nero,
L’ingombro svelto del suo netto taglio.”*

Era assim que, no poema “Monologhetto” (1), Giuseppe Ungaretti evocava sua chegada ao Brasil, em fevereiro de 1937, a bordo do Neptunia. O poeta vinha substituir o professor Francesco Piccolo – que havia regressado à Itália – na cátedra de Língua e Literatura Italiana da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O convite lhe havia sido feito no ano anterior, quando Ungaretti proferira algumas conferências naquela instituição. De fato, seu primeiro contato com o Brasil data de fins de 1936, quando de uma viagem cultural à América do Sul, oferecida pelo Pen Club argentino a um grupo de escritores e artistas europeus (2).

Trinta anos depois, ao rememorar a ocasião em que a Universidade de São Paulo o havia convidado, dirá Ungaretti:

“Eu chegara ao Rio num navio cheio – não caçoem – num navio cheio de escritores, no outono, para nós, de 1936, aqui era primavera. A Argentina havia fretado o Florida para levar a Buenos Aires os escritores europeus convidados a participar do Congresso do Pen Club que devia realizar-se naqueles dias naquela Capital. Entre uma escala num porto e outra, fui chamado a São Paulo para ler algumas reflexões minhas sobre a poesia. Francesco Piccolo, atual diretor da Faculdade de Educação de Roma, que então ensinava italiano na nossa Faculdade e que precisava voltar à Itália por compromissos pessoais urgentes, propôs naquela ocasião que eu o sucedesse aqui e me foi dada a honra de uma acolhida benévola da proposta por parte do saudoso Professor Antônio de Almeida Prado que então dirigia a Faculdade” (3).

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras havia sido fundada em 1934 pelo governo do Estado de São Paulo, que havia convidado uma “missão universitária” de professores franceses, italianos e alemães para constituir seu corpo docente. A iniciativa foi favorecida pelo governo francês e pelo italiano que garantiram aos professores escolhidos um salário adicional ao pago pela universidade e o reconhecimento dos anos de magistério no exterior. A situação dos docentes alemães foi diferente, pois quase todos estavam no exílio por serem judeus ou por se oporem ao regime nazista (4).

É o próprio Ungaretti quem lembra o nome de seus colegas italianos:

“Eis os nomes dos Professores – Mestres de alta reputação e internacionalmente conhecidos – que foram enviados pela Itália: o saudoso Prof. Albanese, o saudoso Prof. Fantappiè, o saudoso Prof. Galvani, o saudoso Prof. De Fiore, o Prof. Onorato, o Prof. Wataghin, o

Na página anterior, o escritor Giuseppe Ungaretti em uma de suas últimas fotos

Por motivos editoriais, as notas se encontram no final deste texto.

Prof. De Falco, o Prof. Occhialini, o já mencionado Prof. Piccolo e eu também” (5).

A inesperada proposta de trabalho da Universidade de São Paulo não só oferecia ao poeta a possibilidade de uma experiência nova num país desconhecido, o que vinha ao encontro de seu nomadismo, como prometia uma maior estabilidade financeira. Até então, Ungaretti e seus familiares haviam sido duramente provados pela vida, uma vez que só podiam contar com o pouco que o poeta ganhava por suas colaborações com jornais e revistas e pelas conferências proferidas em várias regiões da Itália ou em alguns países estrangeiros (Espanha, Bélgica, Holanda, Tchecoslováquia, Suíça, Egito), quase sempre a convite dos Institutos Italianos de Cultura locais.

Numa carta a Giacomo Debenedetti (diretor da revista *Primo Tempo*, de Turim), escrita em fins da década de 20, Ungaretti abordava abertamente o problema da remuneração:

“Caríssimo, a questão do pagamento dos artigos é fundamental. Como pode querer que homens quase quarentões, que têm um nome, que têm família, que vivem exclusivamente de seu trabalho, num tempo economicamente trágico, possam dar de graça o que lhes custa mais trabalho? Sobretudo porque jornais e revistas – todas as revistas italianas sem distinção – pagam a colaboração literária. [...] Para encorajar uma iniciativa tão nobre como a sua sempre haverá alguém – quantos? – disposto a fazer de vez em quando um sacrifício: como regra, nestes tempos bicudos, não seria humano” (6).

Aceito o convite, o poeta estabeleceu-se em São Paulo com a esposa Jeanne Dupoix e os filhos Ninon e Antonietto. Foi morar nos arredores do Colégio Dante Alighieri, a escola italiana da cidade, na qual Ninon estudava. A temporada brasileira se prolongará até maio de 1942, quando, em virtude do rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e os países do Eixo, será obrigado a voltar à Itália, onde

lhe é oferecida a cátedra de Literatura Moderna e Contemporânea na Universidade de Roma.

A Universidade de São Paulo sofreu grandes baixas, uma vez que a maior parte da “missão italiana” voltou para casa: além de Ungaretti, regressaram Albanese, De Falco e Galvani. Permaneceram, tendo sido afastados de seus cargos, Wataghin, De Fiore (que adoeceu na hora do embarque) e Occhialini, o qual, embora fosse antifascista, como muitos italianos e alemães residentes no Brasil, conheceu as agruras de um campo de concentração (7).

No dia 8 de maio de 1942, o navio Bagé, hasteando a bandeira branca, deixava o Rio de Janeiro. A bordo, o poeta, a esposa e a filha. Ninon guardou uma lembrança bem nítida da despedida da *terra brasilis*: “Eu chorava... era muito apegada aos meus amigos. E eu estava com um medo...! Apesar da bandeira branca, três vezes tentaram afundar o navio!” (8).

Mas, por que a volta? “Querida ficar perto de minha gente” – teria dito Ungaretti, segundo Ariodante Marianni –, palavras confirmadas por Leone Piccioni: “[...] regressa-se à Itália, regressa-se para compartilhar o último ato, o da derrota, da ocupação, dos bombardeios, do mercado negro, dos sofrimentos e das ofensas feitas à humanidade [...]” (9). Era a guerra que, mais uma vez, devolvia a esse eterno “exilado” o sentimento de italianidade que o havia levado a participar do primeiro conflito mundial.

De março de 1937 a abril de 1942: cinco anos letivos durante os quais a presença do poeta na Universidade de São Paulo foi marcante.

“O Professor Ungaretti revelou-se logo como um professor excepcional. Aliava na sua personalidade a inspiração e a consciência crítica de um grande poeta, a cultura e o extraordinário talento de um historiador, um gosto seguro, a honestidade e o entusiasmo incansável. Sua aula nascia sempre da leitura de um texto que ele iluminava palavra por palavra fazendo-nos sentir dentro da abstração da palavra os

valores humanos, fônicos, de ordem poética ou técnica, levando-nos a compreendê-la como se fosse um corpo humano, na sua infinita relação dentro de um texto – com a anterior, a seguinte, a que lhe estava mais longe até a última do texto. Era no fundo um minucioso e paciente trabalho de laboratório onde a palavra se fazia coisa, mas coisa sacra, perscrutada nos seus mais íntimos segredos a fim de revelar as suas relações e fenômeno, estético e histórico”,

escreverá Ítalo Bettarello, discípulo, assistente e sucessor do poeta na cátedra de Língua e Literatura Italianas (10).

O prestígio intelectual de Ungaretti o levou a exercer sua influência também sobre alunos que não os de italiano, uma vez que suas aulas eram seguidas por estudantes de outros cursos, fascinados por sua grande intuição poética ao analisar textos literários. Antonio Candido de Mello e Souza estava entre estes e, ao recordar a presença do poeta italiano em São Paulo, afirma:

“[...] a sua influência foi igualmente grande fora das aulas – nas conversas, nas reuniões, nas conferências. [...] os seus amigos, aqueles que mais sentiram a sua influência, não foram os seus alunos, no sentido escolar; mas todos foram seus discípulos, e todos são fidelíssimos à sua lembrança. [Quando Ungaretti explicava,] sentíamos que o produto poético, depurado até tornar difícil o fôlego da compreensão, tinha por substrato uma erudição abundante, um atacar os problemas de todos os lados, uma dimensão vertical que sondava em profundidade. Sentíamos que o poema despojado tinha como base uma vitalidade mais forte e era realmente o aflorar mais puro da poesia, ‘pérola do espírito’, como no verso de Alfred de Vigny.

Nas suas aulas, revelou o que significa o diálogo entre o pensamento e a sensibilidade do texto. Mostrou como, nas mãos do leitor capaz, surgem mundos ignorados, que parecem brotar materialmente das próprias linhas, dos espaços das letras, deslizar das maiúsculas às minúsculas, como se uma fermentação incessante e contida esperas-

se o eleito para florescer em beleza. Quantas vezes, em lições sucessivas, recomeçou a leitura de certo poema, corrigindo-se, superando a anterior, embora tivesse sido tão límpida e insuperável, com outra, nova, mais genuína e completa.

As suas aulas! Havia nelas uma fase tranqüila de aproximação metódica; havia uma fase de arrebatamento, cuja inspiração o atraía para o quadro-negro, giz em riste e as costas voltadas para os ouvintes, seguindo com tons guturais da voz o curso da inspiração; havia fases de retorno ao momento em que, a voz de novo calma, recolhia as conclusões emersas do tumulto e as ordenava com a mais nítida coerência; havia, ainda, momentos de luta contra a pasta de livros, de couro negro, com duas longas correias e uma curiosa vareta de metal que servia para prendê-las, e que o poeta revirava de todos os modos, reordenando sem cessar a pilha de livros para depois abandoná-la e voltar em novo êxtase à quixotesca contenda com o negrume impassível da lousa. Teria ele consciência de todas essas manobras, pensávamos, ou vagaria com a mente fora de tudo, de nós, da sala, da bolsa, deslizando para o mundo da poesia através da inquieta espiral traçada no ar pelo giz?” (11).

A opinião do diretor da faculdade não diferia daquela dos discípulos. De fato, no ofício enviado ao cônsul geral da Itália em São Paulo, a 17 de janeiro de 1940, assim se expressava o prof. Alfredo Ellis Jr.:

“Esse eminente professor tem correspondido plenamente à confiança que nas suas qualidades didáticas e na sua cultura depositou a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo. Desde o início de seu contrato o Professor Ungaretti revelou a maior dedicação e o maior entusiasmo pelo curso que lhe foi atribuído... Em resumo o ilustríssimo senhor professor Giuseppe Ungaretti além da dedicação demonstrada no curso de que foi incumbido revelou, nos três anos de sua permanência à frente do mesmo, a sua grande cultura e as suas admiráveis qualidades de professor” (12).

As aulas e as conferências brasileiras nos dão uma idéia de quais fossem os interesses pessoais do Ungaretti-professor, muito mais preocupado em recuperar a tradição lírica italiana – que ele articulava no eixo que de Francesco Petrarca levava a Giacomo Leopardi – do que em seguir um roteiro cronológico da história da literatura italiana. Ao levar adiante sua atividade didática, releu o passado literário da Itália e isso lhe permitiu inserir a própria produção poética numa reflexão existencial mais ampla. O eixo ao redor do qual articulou o programa das aulas era muito significativo: Petrarca constituía uma premissa para o pensamento e a poesia de Leopardi, e este, por sua vez, era uma premissa da poesia moderna. Na realidade, isso correspondia à necessidade que o Ungaretti-poeta tinha de filiar-se à tradição literária italiana (13).

Parte dessas aulas e conferências foi selecionada pelo próprio autor, visando uma publicação, lançada em 1984: *Invenzione della Poesia Moderna: Lezioni Brasiliane di Letteratura (1937-1942)*. Essa coletânea, organizada por Paola Montefoschi, foi recentemente publicada entre nós sob o título de *Invenção da Poesia Moderna: Lições de Literatura no Brasil*, com tradução de Antônio Lázaro de Almeida Prado.

Fizeram parte desse primeiro volume “Sobre a Vida de Jacopone da Todi”, “A Poesia de Jacopone da Todi”, “Índole do Italiano”, “Introdução à Métrica”, “Conceito de Tempo e Valor da Memória em Petrarca”, “Sobre os Sonetos de Petrarca: *Quand’io son tutto volto in quella parte; Or che ’l ciel e la terra e ’l vento tace; Tutta la mia fiorita e verde etade*”, “Sobre o Soneto de Petrarca: *Quand’io son tutto volto in quella parte*”, “Definição do Humanismo”, aulas elaboradas em 1937, “Dante e Virgílio” (1938-42), “O Mito do Antigo em Leopardi” (1938), além da primeira de duas conferências sobre Giambattista Vico (junho de 1937), uma sobre as origens do romantismo na Itália (1941) e outra ainda dedicada ao *Cancioneiro* de Petrarca (outubro de 1941), cujo título era bem sugestivo: “Primeira Invenção da Poesia Moderna”.

Deveriam integrar o segundo volume uma conferência sobre Gabriele D’Annunzio (“Comemorando G. D’Annunzio”) e as aulas sobre Alessandro Manzoni: “Escrita, Linguagem e Língua em Manzoni”, “Língua, Linguagem e Mito em Manzoni”, “*Il Cinque Maggio*”, “Estética e Ética em Manzoni”, “O Primeiro Capítulo de *Os Noivos*”, “Manzoni e Platão” e “Dom Abbondio” (14).

A análise dos programas dos cursos e dos exames finais da cátedra de Língua e Literatura Italiana permite detectar o nome de outros escritores sobre cujos textos Ungaretti se debruçou em suas aulas: São Francisco de Assis, Guido Cavalcanti, Giovanni Boccaccio, Agnolo Firenzuola, Leon Battista Alberti, Girolamo Savonarola, Marsílio Ficino, Leonardo da Vinci, Lourenço o Magnífico, Poliziano, Iacopo Sannazaro, Burchiello, Luigi Pulci, Matteo Maria Boiardo. Ao que tudo indica, não foram encontrados textos escritos sobre esses autores, o que nos leva a supor que essas aulas se extraviaram ou que delas sobraram só algumas anotações (15).

A escolha dos autores era significativa: São Francisco, Jacopone, Petrarca, Leopardi... Os poetas das origens da literatura italiana eram necessários para explicar como surgiram a poesia de Petrarca e, posteriormente, o Humanismo. Era graças a eles que Ungaretti podia reconstituir os momentos de uma fundação mítica da linguagem poética italiana. Leopardi representava uma resposta à crise da poesia moderna, porque permitia recuperar a memória da língua, num momento em que a poesia parecia ter interrompido o diálogo com a tradição literária. Portanto, segundo Ungaretti, a linguagem poética era a linguagem da memória, porque tornava possível inserir-se na “sucessão das gerações lembradas”, facultando a ele, eternamente desarraigado, a construção de uma identidade (16).

A palavra tornava-se revelação, revelação de um novo rumo, que partia do nada, do vazio a ser preenchido (e seria muito interessante estudar, na poesia ungarettiana, a semantização do espaço em branco que rodeia a palavra). Era o *horror vacui* do

barroco, que ele entenderá melhor durante sua estada no Brasil, mesmo antes de conhecer de perto Ouro Preto e as esculturas do Aleijadinho:

“Desejo [...] confessar que devo ao Brasil se cheguei a entender o Barroco que inflige tanto tormento, há tantos anos, à minha inspiração e à minha técnica expressiva. Compreendi, claramente, no Brasil o valor de choque que havia no Barroco e por que razão o encontro entre inocência e memória e entre natureza e razão devesse sempre manifestar-se violento. E eu o compreendi – devo reconhecê-lo – mais contemplando-lhe o céu e a paisagem, viajando-o e lendo-lhe os escritores, conhecendo-o, naqueles lugares, naquele quadro, face a face com a Morte, enquanto injuriava inexorável sobre a criatura humana que me era mais cara, do que admirando-lhe as igrejas da Bahia ou em Minas, igrejas que, no entanto, são encarnações belíssimas do Barroco. [...] no Brasil a minha poesia encontrou resolvido aquele contraste que está na origem de minha inspiração e de minhas tentativas de canto e que me parecia permanecer para mim indecifrável para sempre” (17).

Em 1937, deu-se o encontro com Giambattista Vico, que lhe permitiu rever o pensamento de Benedetto Croce, de quem criticava a pouca importância dada ao ato da leitura, que Ungaretti via como momento crítico, sobretudo no que tange à especificidade da linguagem. O nome de Dante Alighieri surgirá só em 1938 em seus programas, como resposta à premente necessidade que ele sentia de ampliar os horizontes técnico-lingüísticos de sua reflexão crítica (18). Nas aulas brasileiras, portanto, era o poeta que admirava os clássicos italianos quem determinava a organicidade de uma leitura estruturada a partir de Petrarca, “primeiro inventor da poesia moderna”, como o próprio Ungaretti o definiu, e do tema da memória, cuja descoberta também atribuía ao autor do *Cancioneiro*. Era o poeta que dialogava com outros poetas, e não o professor que ensinava poesia, porque, como ele mesmo dirá trinta

anos depois: “Nesta Faculdade não ensinei Poesia. A Poesia não se ensina. Procurei interpretar alguns poetas” (19).

Esse constante espelhamento entre o crítico e o poeta será determinante na evolução da poética ungarettiana, a qual, partindo da “palavra”, trabalhada em seus aspectos sonoros, rítmicos, emotivos e significativos (*L'Allegria*, 1914-19), e da “frase”, ou antes, da “redescoberta do hendecassílabo” (*Il Sentimento del Tempo*, 1919-35), depois da temporada brasileira, irá inserir-se definitivamente na tradição lírica italiana (*Il Dolore*, 1937-46; *La Terra Promessa*, 1935-50; *Un Grido e Paesaggi*, 1939-52; *Il Taccuino del Vecchio*, 1952-60). De fato, afirmará o poeta:

“O Brasil trouxe para a minha poesia o sentimento do contraste entre natureza e civilização, infinitamente mais profundo e infinitamente mais trágico do que já existia nas minhas primeiras obras. Certamente *Il Dolore* e os livros seguintes são livros que eu não teria sabido escrever se não tivesse estado no Brasil e se não tivesse assistido ao opor-se da civilização à natureza e ao constante esforço humano de dominar a prepotência da natureza, mais evidente aqui do que em qualquer outro lugar. [...]

Nos meus últimos livros continuei a interpretar o meu tempo seguindo aquele caminho que, de Petrarca a Michelangelo, de Tasso a Leopardi, é a via mestra da poesia italiana” (20).

O sodalício entre Humanismo e Romantismo, celebrado na terceira fase da poética ungarettiana, já vinha se consolidando nas aulas brasileiras. É só dar uma olhada nos programas desenvolvidos entre 1937 e 1942: os nomes de Francesco Petrarca e Giacomo Leopardi estão sempre presentes. E se, entre os poetas, eram esses seus autores prediletos, entre os prosadores o maior diálogo se deu com Alessandro Manzoni, este também um de seus ancestrais.

Da prosa manzoniana, Ungaretti privilegiava o primeiro capítulo de *Os Noivos*, e os pontos propostos aos alunos para os exames finais de 1937, por exemplo, ates-

tam essa predileção. As teorias lingüísticas de Manzoni (aliás, como as de Leopardi) também foram examinadas em aula. Além disso, a tragédia *Adelchi* e os *Inni* foram constantemente incluídos em seus programas. Segundo Alberto Asor Rosa, Ungaretti se interessava pelo Manzoni-poeta que ele descobria lá onde os outros não conseguiam descobri-lo. Não o autor das melhores poesias, mas daquelas marcadas por defeitos de composição que o Ungaretti-docente, em vez de esconder, revelava com acuidade. Para o poeta, a grande poesia de Manzoni nascia das malhas soltas de seu sistema, das dilacerações das regras, dos desvios da gramática e da sintaxe (21).

Os anos passados em São Paulo representaram, portanto, um período de intensa atividade como historiador e crítico da literatura italiana, mas não como tradutor (os sonetos de Shakespeare deverão esperar seu regresso a Roma para serem vertidos) ou poeta: “Procurava escrever versos, arranhava o papel, mas não concluía nada...”, declarava Ungaretti, ao lembrar desse período. E, no entanto, “Gridasti soffoco...”, na qual evocava a morte do filho Antonietto, em 1939, por causa de uma apendicite mal diagnosticada, foi escrita ainda no Brasil, entre 1939 e 1940, embora tornada pública posteriormente: “Compus esta poesia ainda no Brasil em 1940. A primeira versão destas estâncias escritas de uma só vez talvez seja dos últimos dias de 1939. Não as

recolhi com as outras porque me parecia que encerrassem motivos íntimos meus. Era de novo o egoísmo. Não se pode guardar só para si nada da experiência humana, sem presunção”, afirmará o poeta (22).

Se é verdade que na temporada paulistana Ungaretti escreveu pouquíssimos versos, também é verdade que naqueles anos a poesia se tornou exercício mental, meditação, pois projetos futuros se alimentaram desse contato com a realidade brasileira, nova e exuberante para ele, e das reflexões sobre outros poetas, levadas adiante nas aulas. Por isso, só podemos concordar com Paola Montefoschi quando escreve que: “Muito mais que de silêncio da poesia deve-se falar de uma suspensão do canto, que há de ser entendida como momento experimental e pausa programática, entre negação e retomada da palavra” (23).

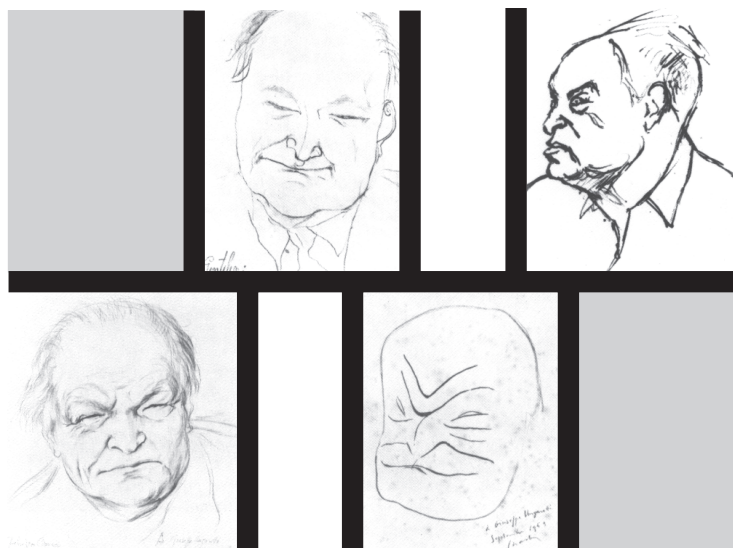
O Brasil, no entanto, será evocado nas poesias de *La Terra Promessa*, *Un Grido e Paesaggi* e, principalmente, *Il Dolore*, fruto da trágica experiência pessoal vivida em São Paulo, cujos versos o poeta nunca comentará, levado pelo pudor: “*Dolore* é o livro que mais amo, o livro que escrevi nos anos terríficos, cerrado na garganta. Parece-me que seria falta de pudor se dele eu falasse”. E ao Brasil Ungaretti ficará ligado para sempre, não só por causa de Antonietto, mas também porque foi no nosso país que encontrou uma série de respostas para a sua poética:

“Eu deixava nesta Terra a parte mais nobre de minha alma: uma criança enterrada. Aqui viveu seus poucos anos. De vosso céu, de vosso mar, de vossa floresta recebeu as suas emoções. Os companheiros com os quais trocava as primeiras confidências eram crianças desta Terra.

Eu fora autorizado a levar comigo os amados restos: hesitei. Disse não. Não se arranca um corpo da Terra onde se desfaz e a qual enriquece com sua Terra. Aqui tem Terra que é minha, a mais pura, como há Terra preciosa de tantos homens, mulheres e crianças da gente diversa que formou e forma esta Vossa grande Nação.

Eis a primeira das razões que me faz colo-

Retratos de
Ungaretti feitos
por Gentilini,
Rosai, Clerici e
Chastel



car o Brasil entre meus quatro países prediletos, aqueles que deram e dão forma à minha palavra. [...]

O Brasil, já disse, é a minha Terra da trágica agonia e da oferenda do que havia de melhor em mim. Por essa e por tantas outras razões, o Brasil, mais do que qualquer outra, é a Terra que subverteu minha linguagem e lhe deu o timbre que ela tem hoje.

Minha linguagem já havia acusado, em *Il Sentimento del Tempo*, a presença apocalíptica da catástrofe e da harmonia violenta que obriga a reparar a catástrofe [...]. Memória e inocência, razão e natureza, como eu as vi e senti entrecocar-se aqui, no entanto, constituíam para mim uma experiência diferente de todas as outras que já conheci, de todo nova, e se me afiguravam não mais como uma catástrofe a ser alucinadamente remediada, mas como espetáculos da Gênese, de uma nova gênese tão desmesuradamente equilibrada que a medida da civilização humana só podia enfrentá-la com uma arte intrepidamente desmedida.

O meu livro *Il Dolore* nasceu em mim de um ferimento pessoal que nunca poderá cicatrizar [...]; nasceu em mim das imagens familiares e muito queridas da poesia de vocês, que se tornavam a substância de minhas palavras essenciais, de meu novo tormento semântico, métrico, sintático, expressivo” (24).

Correspondências ainda mais explicitadas numa confissão do poeta:

“[...] enfim há o Brasil, por que é o país no qual o choque entre natureza e razão, como diz Leopardi, ou entre memória e inocência, como eu ousei dizer, me pareceu mais evidente; e porque é o país onde me pareceu, não sem sofrimento, sua solução. De um lado, uma natureza grandiosa, terrível, virgem, de outro, um homem civilizadíssimo, com todos os meios, em constante desenvolvimento, que o progresso lhe forneceu – e que já se tornaram mais fortes do que ele – para exercer, sobre a natureza, seu domínio. Aqui o homem sente sua grandeza como em nenhum outro lugar do

mundo, mas ao mesmo tempo sente o seu nada como jamais lhe aconteceu outrora de sentir, nem na guerra” (25).

Levar ao conhecimento do público italiano a literatura brasileira foi um outro modo que Ungaretti encontrou para manter vivo o diálogo com o nosso país. Além de poemas indígenas (bororos, carajás, tupis) e do canto popular sertanejo “O Sapo do Cariri”, traduziu poesias de vários autores, sempre acompanhadas de notas e apresentações. Nesse caso também, como já havia acontecido com as aulas de literatura italiana, o poeta traçava uma espécie de itinerário que, partindo da poesia das origens de nossa literatura (José de Anchieta), levava à arcádica (Tomás Antônio Gonzaga) e à romântica (Antônio Gonçalves Dias) e, em seguida, à moderna (Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes). A escolha dos autores a serem vertidos era ditada pelas preocupações poéticas de Ungaretti, como ele mesmo afirmava ao referir-se às suas traduções de Góngora, Blake e Shakespeare:

“Minhas traduções foram-me impostas à medida pelos problemas técnicos de expressão que me eram sugeridos pela progressão, se se pode falar de progresso no caso da poesia, das minhas experiências poéticas. Traduzi, portanto, Góngora num determinado momento, quando precisava me dar conta melhor do que era o Barroco, através de um poeta que tinha expressado aquelas inquietudes humanas com mais força e esplendor.

Depois traduzi Blake num momento em que precisava voltar a encontrar a ingenuidade de expressão. Shakespeare, o traduzi no findar desta guerra, depois de tantos resultados inúteis, sobretudo porque então estava estudando a influência que Petrarca poderia ter tido na linguagem européia da poesia até os dias de hoje. Queria sentir, ao traduzir Shakespeare, até que ponto esta força de Petrarca tinha vigor na expressão poética de todo o Ocidente...” (26).

As traduções dos escritores brasileiros foram quase todas publicadas em 1946 nos cadernos internacionais de *Poesia* (no III-IV) e, em 1961, em *Il Deserto e Dopo*, numa seção intitulada “Pau Brasil”, da qual Ungaretti excluiu “Sonetto all’Addormentato. Elegia”, de Schmidt, para poder acrescentar as “Poesie ispirate all’Amica”, de Mário de Andrade, já divulgadas, em 1954, em *L’Approdo Letterario*. “Pau Brasil” (que não incluía nem os poemas de Murilo Mendes, nem os de Vinícius de Moraes, cuja tradução é posterior à dos outros), segundo Glauco Cambon, representou para Ungaretti uma espécie de *itinerarium mentis*, que, das “origens ‘teológico-heróicas’” da civilização, “procurada em sua bárbara matriz *vichiana*”, retornava até os “esboços da *civiltà* na paisagem interpretada pela consciência humana individual” (27).

Em 1952, num programa da RAI, “Brasile Favoloso”, Ungaretti leu muitos dos poemas traduzidos, intercalando-os com sambas, modinhas, músicas de Villa-Lobos e Camargo Guarnieri. Além disso, o poeta escreveu o prefácio da edição italiana de *Siciliana* (1959), de Murilo Mendes – do qual, no ano seguinte, traduzirá *Janela do Caos* –, e de *Memórias Sentimentais de João Miramar* (1970), de Oswald de Andrade. Em 1967, participou como tradutor e declamador do elepê *La Vita, Amico è l’Arte dell’Incontro*, que reunia poesias e canções de Vinícius de Moraes, poeta que Ungaretti já havia traduzido em 1959. Se, de um lado, Ungaretti havia sido “o exímio tradutor da poesia de nossa terra”, como exclamava entusiasmado Manuel Bandeira (28), de outro, várias de suas poesias foram traduzidas para o português por Ecléa Bosi, Haroldo de Campos, Henriqueta Lisboa, Ítalo Bettarello, Julita Scarano e Sérgio Wax.

No Brasil, o poeta teve inúmeros amigos, como Antônio de Almeida Prado (diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras), os colegas italianos Giuseppe Occhialini, Giacomo Albanese e, principalmente, Ettore Onorato; Edoardo Bizzari e sua companheira, a atriz Olga Navarro; o historiador Sérgio Buarque de Hollanda;

os escritores Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge Amado e sua esposa Zélia Gattai, Vinícius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt, Lygia Fagundes Telles; os pintores Cândido Portinari, Emiliano Di Cavalcanti, Flávio de Carvalho, e muitos dos que seguiam suas aulas, que se tornaram figuras proeminentes no panorama cultural brasileiro: Antonio Candido de Mello e Souza, Decio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Ruy Coelho, Ítalo Bettarello, Antônio Lázaro de Almeida Prado. O próprio Ungaretti reconhecia a excepcionalidade desses discípulos sempre prontos a recebê-lo toda vez que ele voltava ao Brasil, sempre prontos a visitá-lo toda vez que iam à Europa. De fato, numa carta de 9 de fevereiro de 1967, endereçada ao prof. Mário Guimarães Ferri, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, dizia o poeta: “Os anos que passei colaborando na formação dos alunos desta Faculdade deixaram em mim a mais grata das lembranças. No meu longo magistério, raras vezes tive discípulos tão dotados e o sinal luminoso disso é o lugar de destaque que ocupam no campo dos estudos” (29).

A grande estima de Ungaretti pelos amigos brasileiros foi retribuída por todos os que o conheceram, que sempre ressaltaram seu caráter e seus dotes intelectuais, como Antonio Candido, ao lembrá-lo com as seguintes palavras:

“Era um amigo delicado e caloroso, fazendo questão de cultivar com zelo as amizades. [...]

[...] a sua presença despertou muito interesse, talvez mais pelo corte de sua personalidade, suas idéias sobre a poesia, a estética do fragmento, que nos ensinou, o modernismo poético, que costumava analisar” (30).

A única voz discordante parece ter sido a de Yan de Almeida Prado, que, num texto intitulado “Um Poeta Safadinho”, denegriu Ungaretti, acusando-o de ser fascista e oportunista (31).

O poeta voltou ao Brasil várias vezes.

Em 1954, uma viagem a Montevidéu, a convite da Unesco, ofereceu-lhe a oportunidade de uma rápida passagem por São Paulo. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras aproveitou a ocasião para prestar-lhe uma homenagem, durante a qual Ungaretti leu as poesias de Mário de Andrade por ele traduzidas. Além disso, proferiu uma conferência no Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro sobre o I Canto do *Inferno* de Dante Alighieri, que marcou época, e participou de uma festa de confraternização organizada por amigos e admiradores no Museu de Arte Moderna.

Em 1966, foi convidado para a inauguração da nova sede do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro de São Paulo, proferindo a conferência “Linguaggio e Poesia”. Durante essa viagem, motivada também pelo desejo de visitar o túmulo do filho Antonietto no Cemitério São Paulo (quadra 13, jazigo 223), o poeta finalmente conseguiu realizar seu velho sonho: ir a Minas Gerais conhecer de perto as obras do Aleijadinho. Completando o itinerário do barroco brasileiro, visitou também a Bahia, onde, na Faculdade de Filosofia, Ciências

e Letras de Salvador, proferiu uma conferência em francês sobre o X Canto do *Paraiso* dantesco, que o motivou a discorrer sobre a pobreza. Data desse ano o início do relacionamento platônico com a jovem poetisa ítalo-brasileira Bruna Bianco, a quem dedicará uma série de poesias (32).

Em 1967, o poeta realizou mais duas viagens ao Brasil. Durante a primeira, graças ao empenho do ex-discípulo Ítalo Bettarello, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo conferiu-lhe o título de “Doutor Honoris Causa” (5 de maio). No Clube dos Artistas e Amigos da Arte foi organizada uma grande comemoração em sua homenagem.

Nesse ano, Ungaretti encerrava suas visitas à quarta pátria, a esse país onde, segundo ele, como em seu solo natal, a civilização continuava a chocar-se com a natureza, a humanidade preservava ainda seu aspecto mítico. Embora o contato com os amigos brasileiros continue constante até sua morte, o poeta nunca mais verá essa terra da qual um dia disse: “Brasil, Brasil, são duas sílabas que pronuncio sempre com um nó na garganta” (33).



Giuseppe Ungaretti no Guarujá, São Paulo, com o filho Antonietto

NOTAS

- 1 "E avança o Neptunia. / Em Pernambuco atraca / E, / Entre barquinhos bamboleantes, / E titubeantes barcaças / No luzir elástico da água. / No breve porto impõe, negra, / A massa esbelta de preciso talhe." G. Ungaretti, "Monologhetto", in *Vita d'un Uomo: 106 Poesie*, Milano, 1982, pp. 201-2. O poema integra *Un Grido e Paesaggi* (1939-52).
- 2 Maria Helena De Luca, em *Giuseppe Ungaretti no Brasil: Mito e Crônica* (São Paulo, 1983, p. 1), entre os participantes do congresso arrola, além do poeta italiano, Louis Piérard, Benjamin Crémieux, Mario Puccini, Jules Romains, Georges Duhamel, Jacques Maritain e Stephan Zweig, mas esquece de outros como, por exemplo, Filippo Tommaso Marinetti.
- 3 G. Ungaretti, "Discurso na Faculdade de Filosofia", in *Razões de uma Poesia*, São Paulo, 1994, p. 233. Está sendo citada a tradução de Ítalo Bettarello na versão que integra essa coletânea organizada por Lucia Wataghin. Essa versão não corresponde por inteiro ao texto que consta do Proc. nº 27902-66 da Universidade de São Paulo, referente à concessão do título de "Doutor Honoris Causa" a Giuseppe Ungaretti. No entanto, ao se confrontar a tradução de Bettarello, não importa em que versão, com o texto original em italiano (reproduzido em apêndice à supracitada dissertação de mestrado de M. H. De Luca), o pensamento de poeta fica, às vezes, bastante reduzido. Por isso, quando necessário, a tradução foi reelaborada.
- 4 Cf. L. Wataghin, "Un Contributo Italiano alla Fondazione della USP", in *Insieme*, 3, 1992, p. 36.
- 5 Ungaretti, "Discurso na Faculdade de Filosofia", op. cit., p. 234. Lucia Wataghin, no artigo supracitado, levantou o nome completo, a área de atuação e o período de permanência dos docentes italianos na recém-fundada Universidade de São Paulo: Giacomo Albanese (Geometria, História das Matemáticas, 1936-abril de 1942), Luigi Fantappiè (Análise Matemática, 1934-39), Luigi Galvani (Estatística, 1936-abril de 1942), Ottorino di Fiore di Cropani (Paleontologia e Geologia, 1937-42), Ettore Onorato (Mineralogia e Geologia, 1934-38), Gleb Wataghin (Física Geral e Experimental, 1934-49), Vittorio De Falco (Língua e Literatura Grega, 1ª de março de 1939-24 de abril de 1942), Giuseppe Occhialini (Física Experimental, 1938-abril de 1942), Francesco Piccolo (Língua e Literatura Italiana, 1934-37), Giuseppe Ungaretti (1937-abril de 1942). A ordem estabelecida pela autora foi alterada para seguir a evocada pelo poeta, o qual, porém, havia esquecido de citar Attilio Venturi (Língua e Literatura Grega, 1938-39) e Narciso Mensciassi Lupi (assistente da cátedra de Geometria, abril de 1938-abril de 1942).
- 6 G. Ungaretti, "Ma i Collaboratori Devi Assolutamente Pagarli", in *La Repubblica*, 2 giu., 1996.
- 7 Os docentes alemães, que, ao contrário, não estavam em missão oficial e eram antinazistas, continuaram desenvolvendo normalmente suas atividades na universidade. Cf. S. M. de Freitas, *Reminiscências*, São Paulo, 1993; Wataghin, op. cit.; L. Piccioni, *Vita di Ungaretti*, Milano, 1979, p. 202.
- 8 Apud De Luca, op. cit., p. 35.
- 9 L. Piccioni, op. cit., p. 202. A frase atribuída a Ungaretti por Marianni, seu último secretário, está numa carta que este enviou, de Roma, a Maria Helena De Luca, a 16 de dezembro de 1982 (em apêndice à dissertação de mestrado já citada). Numa entrevista à mesma autora, Ariodante Marianni havia atribuído ao poeta uma frase um pouco diferente, mas de igual significado: "Voltei para ficar perto dos meus" (p. 25).
- 10 Ítalo Bettarello, "Curriculum Vitae Giuseppe Ungaretti", p. 2. Este currículo deve ter sido elaborado por Bettarello em 1966, quando foi apresentada a solicitação de concessão do título de "Doutor Honoris Causa" ao poeta. Este documento foi encontrado na pasta "Chefes do Curso – Italiano", da Área Didática de Língua e Literatura Italiana, na qual foi localizado também o ofício da que é provavelmente a primeira solicitação de concessão do título, enviado à Congregação da Faculdade a 20 de dezembro de 1957.
- 11 Antonio Candido, "Ungaretti em São Paulo", in *Suplemento Literário*, 491, 20/ago/1966, p. 1. Este texto voltou a ser divulgado em *Brigada Ligeira* e na revista *Estudos Avançados* (set.-dez./1994), bem como foi publicado em italiano, em *Il Taccuino del Vecchio*. Quanto à transfiguração de Ungaretti durante as aulas, principalmente diante do quadro-negro, também Ítalo Bettarello deixou seu testemunho: "Eu o revejo, depois de ler uns versos, começando a explicação. Num certo momento, dando-nos as costas, continuava falando, fazia riscos na lousa. Eram linhas cortadas, pontos, parábolas e curvas para o infinito. Depois voltava-se para nós sorrindo, olhar vago, ainda tocado pelos sinais misteriosos que traçara, quase diagramas alusivos da intensidade poética dos versos sobre os quais falava". Apud De Luca, op. cit., p. 32. Uma lembrança muito parecida à de Leone Piccioni: "O Ungaretti-professor transformava-se [...] quando se aproximava da lousa: de fato, tinha esse costume. Com um giz ia à lousa e este sinal que fazia era Leopardi, e o outro sinal, talvez, a canção 'Ad Angelo Mai', e a um sinal que ligava os dois objetos ele chamava 'o sentido de duração', ou 'o sonho', 'a memória', 'a inocência', e assim por diante". "Ungaretti e Leopardi", em G. Ungaretti, *Lezioni su Giacomo Leopardi*, Roma, 1989, p. 9.
- 12 Apud Bettarello, op. cit., p. 2.
- 13 Ungaretti buscava um novo significado para a tradição, por se considerar o fador do estilo "clássico" da modernidade – ou seja, de uma poética que não derivava do Futurismo e nem levava para as neovanguardas. Com isso, aspirava a ser aclamado como o poeta mais importante de sua geração. Cf. R. Barbolini, "Villuminio d'Immenso: Vostro Ungaretti", in *Panorama*, nº 24, 19/giu/1997; "Perfetto Fascista in Nome della Poesia", in *La Repubblica*, 28/mar/1996.
- 14 Cf. P. Montefoschi, "Nota de Leitura", in G. Ungaretti, *Invenção da Poesia Moderna: Lições de Literatura no Brasil 1937-1942*, São Paulo, 1996, p. 32. Nem todos esses textos, no entanto, são inéditos. Segundo Alberto Asor Rosa: "Temos a transcrição de *Cinco Aulas sobre Alessandro Manzoni*, proferidas em 1937-38, durante sua estada brasileira". "Ungaretti e Manzoni", in R. Tordi, *Ungaretti e la Cultura Romana: Atti del Convegno 13-14 Novembre 1980*, Roma, 1983, p. 11. Além disso, a revista *Panorama* (nº 951, 9/lug/1984) divulgou a aula dedicada a Dom Abbondio, que, traduzida para o português, foi publicada no suplemento *Cultura de O Estado de S. Paulo* (nº 575, 17/ago/1991). Nesse diálogo do poeta consigo mesmo, o estilo oral, adotado nas aulas, alcança momentos de grande expressividade. Cf. M. Fabris, "Giuseppe Ungaretti: uma Leitura de 'Os Noivos' de Manzoni", in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, (575): 17/ago/1991, p. 5. Mesmo entre os textos que integram o primeiro volume há alguns que já haviam sido divulgados antes. É o caso da antepenúltima e da penúltima aulas, respectivamente publicadas em *L'Approdo Letterario* (nº 57, mar./1979) e em *Innocence et Mémoire*.
- 15 Cf. com esta declaração de Paola Montefoschi: "Ademais Ungaretti desenvolverá, nos anos subseqüentes, aulas que não chegaram até nós sobre Boccaccio e sobre autores do Humanismo e do Renascimento, com atenção especial pela prosa". "Introdução", in Ungaretti, *Invenção da Poesia Moderna*, op. cit., p. 35. Cf. ainda com seguinte afirmação dessa mesma autora e Mario Diacono: "Deste trabalho sobrou um volume considerável de anotações, que continua ainda em desordem no arquivo do poeta [...]". "Nota all'Edizione", in Ungaretti, *Lezioni su Giacomo Leopardi*, op. cit., p. 23. Os programas podem ser consultados no primeiro livro citado nesta nota, num apêndice intitulado "Na Pasta do Professor", p. 274-9.
- 16 G. Ungaretti, "Índole do Italiano", in *Invenção da Poesia Moderna*, op. cit., p. 78. Quanto à relação Origens-Humanismo-Romantismo, cf. com as seguintes reflexões do poeta: "Há na história da literatura européia – porque a Europa é uma unidade – três períodos basilares: o período das Origens, o Humanismo e o Romantismo. [...] Neste ano, devo limitar-me a indicar-lhes, das Origens, apenas as correntes que mais claramente

- levam ao Humanismo. Desejei e obriguei-me a falar-lhes das Origens, não para estudá-las em si, mas para fazê-los entender que em um certo ano nascerá a poesia de Petrarca e, depois dele, o Humanismo italiano e europeu". "Sobre a Vida de Iacopone da Todi", in *Invenção da Poesia Moderna*, op. cit., p. 43.
- 17 Cf. G. Ungaretti, "Brasil", *Invenção...*, op. cit., p. 266-7. Embora Paola Montefoschi, organizadora de *Invenzione della Poesia Moderna*, afirme, em nota de rodapé à p. 264 da edição brasileira: "Trata-se de um discurso, inédito na Itália, feito por Ungaretti em seu retorno ao Brasil em 1968", este texto data, quase com certeza, de 1966. Em primeiro lugar, porque a última viagem do poeta ao Brasil foi em 1967; em segundo, porque, em sua fala, ele faz referência a um centro cultural italo-brasileiro, inaugurado na ocasião, que só pode ser o Instituto Cultural Italo-Brasileiro de São Paulo que, em 1966, transferiu sua sede da rua Sete de Abril para a rua Frei Caneca.
- 18 Cf. com a seguinte afirmação do poeta numa carta ao amigo Enrico Falqui, datada de 19 de junho de 1938: "Continuo a comentar Petrarca e este ano um pouco Dante. Talvez não seja um trabalho inútil para o enriquecimento de meu espírito". Apud Montefoschi, op. cit., p. 16. Na conferência "Dante nel Laboratorio Brasiliano di Ungaretti (Appunti Inediti)" – publicada posteriormente em *Il Condizionale di Didone: Studi su Ungaretti* –, Mario Petrucciani, docente da Universidade de Roma, mostrou como a reflexão sobre Dante estará na base de algumas poesias de *La Terra Promessa*. A conferência do prof. Petrucciani integrava a "Semana Ungaretti" (9-13 de abril de 1984), uma das manifestações promovidas pela Universidade de São Paulo para comemorar o cinquentenário de sua fundação.
- 19 Ungaretti, "Discurso na Faculdade de Filosofia", op. cit., p. 237. Embora o tradutor Ítalo Bettarello grafie "faculdade" e "poesia" com as letras iniciais minúsculas, preferiu-se escrever esses termos com as letras iniciais maiúsculas, para respeitar a grafia do próprio Ungaretti no já citado original em italiano.
- 20 Apud Ítalo Bettarello e A. Bosi, "Encontro com Ungaretti", "Chefes do Curso – Italiano", op. cit., 1967, p. 5. O texto foi publicado posteriormente por Bosi em *Céu, Terra*. Quanto à periodização da poesia ungarettiana, retoma-se a estabelecida por Giovanni Raboni na "Introduzione", in Ungaretti, *Vita d'un Uomo*, op. cit., pp. 5-7. Note-se que o hendecassilabo da métrica italiana corresponde ao nosso decassilabo.
- 21 Segundo Asor Rosa, os "antepassados italianos" de Ungaretti foram Petrarca, os barrocos, Leopardi, um certo D'Annunzio e Manzoni. "Ungaretti e Manzoni", op. cit., pp. 13 e seg. Os temas eram os seguintes: "Como se manifesta a idéia de justiça no primeiro capítulo dos *Promessi Sposi*" e "Quais os elementos de que se serve Manzoni no primeiro capítulo dos *Promessi Sposi* para construir esteticamente a personagem D. Abbondio. Que valor estético tem cada um desses elementos com referência à construção psicológica e moral da personagem D. Abbondio" (para o exame escrito): "Comentário estético da introdução e do primeiro capítulo dos *Promessi Sposi*" (para o exame oral). "Na Pasta do Professor", in Ungaretti, *Invenção da Poesia Moderna*, op. cit., pp. 274-5. Cf. também pp. 275-9.
- 22 Apud L. Piccioni, *Vita di Ungaretti*, Milano, 1979, pp. 198 e 200, respectivamente.
- 23 Montefoschi, "Introdução", in Ungaretti, *Invenção da Poesia Moderna*, op. cit., p. 14.
- 24 Apud *Invenção...*, p. 11; Ungaretti, "Discurso na Faculdade de Filosofia", op. cit., pp. 235-7. Numa entrevista a dois docentes da Universidade de São Paulo, Ungaretti esclarece o que era para ele o "sentimento de catástrofe" antes do encontro com o Brasil: "O Barroco, nascido com Michelangelo, não jorra somente da vontade de fundir dramaticamente elementos contrários, mas também e sobretudo da necessidade de manifestar um sentimento de catástrofe. O Barroco nasce também e sobretudo do sentimento de que já então toda a experiência antiga estivesse exaurida, como também a experiência cristã, ao menos a histórica, temporal. E não estaria o *Sentimento de catástrofe implícito no sentimento do nada, no horror ao vazio e na crença absurda* de que se possa abolir o nada, recorrendo a expedientes?". Bettarello e Bosi, op. cit., p. 4.
- 25 G. Ungaretti, "Confissão", pp. 3-4. Trata-se de texto inédito, não datado e entregue ao prof. Teodoro Negri, um estudioso da poética ungarettiana (na ocasião docente da área de Língua e Literatura Italiana da USP), pelo prof. Edoardo Bizzari, diretor do Instituto Italiano de Cultura de São Paulo, com a seguinte mensagem: "Caro Negri, envio-lhe o texto de uma confissão de Ungaretti..." (p. 1). O prof. Bettarello, no discurso proferido por ocasião da outorga do título de "Doutor Honoris Causa" a seu mestre, afirmava: "Li há pouco tempo numa confissão do poeta, para nós não só querida, mas motivo de alegria e de inigualável honra, que entre suas pátrias – a do nascimento, o Egito, a do sangue, a Itália, a de sua formação, a França –, está o Brasil, onde encontrou, no choque entre natureza e civilização, o drama da própria mente". Em Universidade de São Paulo, Proc. nº 27902-66, p. 41. E, de fato, o poeta, na "Confissão", dizia textualmente: "Minha estada na América do Sul foi um encontro importantíssimo, a ponto de eu dizer que tenho quatro pátrias" (p. 3). O confronto dos vários textos leva a estabelecer que a confissão de Ungaretti data de 1967.
- 26 Ungaretti, "Confissão", op. cit., p. 3.
- 27 Cf. N. Scalzo, "Ungaretti: a Trajetória de um Poeta", in *Cultura*, 395, 6/fev./1988, p. 3.
- 28 Apud De Luca, op. cit., p. 54. Quanto à publicação e à apresentação das poesias brasileiras traduzidas por Ungaretti na RAI, a estação de rádio estatal, cf. L. Wataghin, "Apresentação" e notas, in Ungaretti, *Razões de uma Poesia*, op. cit., pp. 15, 227, 241; F. M., "1970: a Poesia mais Intensa Chega para Giuseppe Ungaretti", *O Estado de S. Paulo*, 1/jun./1980; "As 'Pobres Notas' de Ungaretti", *O Estado de S. Paulo*, 19/mar./1995.
- 29 Universidade de São Paulo, Proc. nº 27902-66, pp. 18-9.
- 30 Apud L. Wataghin, "Entrevista com Antonio Candido", in Ungaretti, *Razões de uma Poesia*, op. cit., pp. 249, 251.
- 31 João Fernando de Almeida Prado, "Um Poeta Safadinho", in *O Brasil e o Colonialismo Europeu*, São Paulo, 1956, pp. 401-21. O autor é mais conhecido como Yan de Almeida Prado. As controvertidas relações de Ungaretti com o fascismo foram analisadas num ensaio que integra o volume organizado por A. Zingone: *Giuseppe Ungaretti 1888-1970*, Napoli, 1995.
- 32 O livro *Dialogo* (1968) reúne essas poesias e as de Bruna Bianco. A poetisa está organizando a publicação de sua correspondência com Ungaretti. Quanto às amizades brasileiras do poeta e às suas viagens ao Brasil depois do regresso à Itália, cf.: De Luca, op. cit.; Piccioni, op. cit.; A. Massi, "A Paixão do Mestre Ungã", in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, 21/jul./1996, p. 5. A respeito disso, algumas observações se fazem necessárias: 1) com os intelectuais brasileiros, Ungaretti, só falava em francês, língua estrangeira que estes dominavam melhor, em virtude da tradicional hegemonia cultural da França em nosso país; 2) o poeta conheceu Munilo Mendes e sua esposa, Saudade Cortesão, em Roma, e foi apresentado a Guimaraes Rosa, que tanto admirava, em 1965, em Gênova, durante um congresso sobre Cinema Novo, no qual o impressionou o filme *Os Fuzis* (1963), de Ruy Guerra. Cf. Wataghin, "Encontro com Antonio Candido", op. cit., p. 250; filme da Cinemateca Brasileira, realizado por David Neves em 1967.
- 33 Ungaretti, "Discurso na Faculdade de Filosofia", op. cit., p. 233.

BIBLIOGRAFIA

- ÁREA DIDÁTICA DE LÍGUA E LITERATURA ITALIANA (DLM/FFLCH/ USP), Pasta “Chefes do Curso – Italiano” (contém documentos relativos a Giuseppe Ungaretti).
- BARBOLINI, Roberto. “V’illumino d’Immenso: Vostro Ungaretti”, in *Panorama*, XXXIV(24), Milano, 19 giu./1997, pp. 124-6, 128.
- BOSI, Alfredo. “A Lição de Ungaretti”, in *Suplemento Literário (O Estado de S. Paulo)*, X(491), São Paulo, 20/ago./1966, p. 1.
- CAMPOS, Haroldo de. “Murilo Mendes, Romano”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, 14/mar./1993, p. 5.
_____. “Ungaretti e a Vanguarda”, in *Suplemento Literário (O Estado de S. Paulo)*, X(494), São Paulo, 10/set./1966, p. 3.
- CANDIDO, Antonio. “Ungaretti em São Paulo”, in *Suplemento Literário (O Estado de S. Paulo)*, X(491), São Paulo, 20/ago./1966, p. 1.
- CAPRARA, Loredana. “Influenze del Futurismo su Ungaretti”, in *Língua e Literatura*, IX(9), São Paulo, 1980, pp. 241-8.
- FABRIS, Mariarosaria. “Cronologia de Ungaretti no Brasil”, in *Cultura (O Estado de São Paulo)*, XVII(869), São Paulo, 3/maio/1977, p. 7.
_____. “Escritor Descobriu o Barroco no Brasil”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, XVII(869), São Paulo, 3/maio/1997, p. 7.
_____. “Giuseppe Ungaretti: uma Leitura de ‘Os Noivos’ de Manzoni”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, VIII(575), São Paulo, 17/ago./1991, p. 5.
- F. M. “1970: a Poesia mais Intensa Chega para Giuseppe Ungaretti”, in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1/jun./1980.
- FREITAS, Sônia Maria de. *Reminiscências*. São Paulo, Maltese, 1993.
- KOREMBLIT, Bernardo Ezequiel. “Impecável e Implacável Ungaretti”, in *Comentário*, IV(44), Rio de Janeiro, 4º trim./1970, pp. 362-7.
- LOMBARDI, Andrea. “A Experiência Brasileira de Ungaretti”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, XVII(869), São Paulo, 3/maio/1997, p. 6.
_____. “Intérprete Errante”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/ jul./1996, p. 7.
- LUCA, Maria Helena de. *Giuseppe Ungaretti no Brasil: Mito e Crônica*. Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1983.
- MASSI, Augusto. “Diálogo Modernista”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 7.
_____. “O Jovem Amor do Velho Bardo”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 4.
_____. “O Leão na Sala de Aula”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 6.
_____. “A Paixão do Mestre Ungá”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 5.
_____. “As Passagens Brasileiras”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 4.
_____. “Uma Suspeita de Plágio”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 4.
- OLIVEIRA, Marly de. “O Acaso. E uma Amizade Cheia de Lições Inesquecíveis”, in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 31/maio/1980.
_____. “Perfetto Fascista in Nome della Poesia”, in *La Repubblica*, Roma, 28/mar./1996.
- PETRUCCIANI, Mario. “Dell’Aurora. Dante nel Laboratorio Brasiliano di Ungaretti”, in *Il Condizionale di Didone: Studi su Ungaretti*. Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1984, pp. 191-249.
- PICCIONI, Leone. *Vita di Ungaretti*. Milano, Rizzoli, 1979.
_____. “Il Soggiorno in Brasile 1937-1942”, in L. Piccioni e P. Montefoschi, *Album Ungaretti*. Milano, Mondadori, 1989, pp. 198-213.

- _____. “As ‘Pobres Notas’ de Ungaretti”, in *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19/mar./1995.
- PRADO, Antônio Lázaro de Almeida. “Língua e Literatura Italiana: uma Crônica Datável (1949-1958)”, in *Estudos Avançados*, VIII(22), São Paulo, set.-dez., 1994, pp. 445-7.
- PRADO, João Fernando de Almeida. “Um Poeta Safadinho”, in *O Brasil e o Colonialismo Europeu*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, pp. 401-21.
- RIBEIRO, Leo Gilson. “Ungaretti”, in *Jornal da Tarde*, São Paulo, 31/maio/1980.
- SCALZO, Nilo. “Ungaretti: a Trajetória de um Poeta”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, VII(395), São Paulo, 6 fev. 1988, pp. 1-3.
- TORDI, Rosita. *Ungaretti e la Cultura Romana: Atti del Convegno 13-14 Novembre 1980*. Roma, Bulzoni, 1983.
- UNGARETTI, Giuseppe. “Cartas a Clarice”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 6.
- _____. “Confissão”. Texto datilografado, inédito, 1967.
- _____. “Dom Abbondio e Eu”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, VIII(575), São Paulo, 17/ago./1991, pp. 5-6 (tradução de Mariarosaria Fabris).
- _____. “Io e Don Abbondio”, in *Panorama*, XXII (951), Milano, 9/lug./1984, pp. 97-9.
- _____. *Innocence et Mémoire*. Paris, Gallimard, 1969.
- _____. *Invenção da Poesia Moderna: Lições de Literatura no Brasil 1937-1942*. São Paulo, Ática, 1996 (tradução de Antônio Lázaro de Almeida Prado).
- _____. *Invenzione della Poesia Moderna: Lezioni Brasiliane di Letteratura (1937-1942)*. Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1984 (org. Paola Montefoschi).
- _____. *Lezioni su Giacomo Leopardi*. Roma, Presidenza del Consiglio dei Ministri, 1989 (org. Mario Diacono e Paola Montefoschi).
- _____. “Ma i Collaboratori devi assolutamente pagarli”, in *La Repubblica*, Roma, 2/giu./1996.
- _____. “Prefazione”, in Oswald de Andrade, *Memorie Sentimentali di Giovanni Miramare*. Milano, Feltrinelli, 1970, pp. V-VII.
- _____. *Razões de uma Poesia*. São Paulo, Edusp/Imaginário, 1994 (org. Lucia Wataghin).
- _____. *Il Taccuino del Vecchio*. Milano, Mondadori, 1960.
- _____. “Te Amo Muito, de Maneira Desmedida”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 5.
- _____. *Vita d'un Uomo. 106 Poesie (1914-1960)*. Milano, Mondadori, 1966.
- UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Proc. nº 27902-66 (concessão do título de “Doutor Honoris Causa” a Giuseppe Ungaretti).
- WATAGHIN, Lucia. “Autor de ‘L’Allegria’ Traduziu Lendas Indígenas”, in *Cultura (O Estado de S. Paulo)*, XVII(869), São Paulo, 3/maio/1997, p. 3.
- _____. “Un Contributo Italiano alla Fondazione della USP. (Gleb Wataghin e gli Inizi della Fisica in Brasile)”, in *Insieme*, 3, São Paulo, 1992, pp. 35-41.
- _____. “Descobertas no Exílio Brasileiro”, in *Mais! (Folha de S. Paulo)*, São Paulo, 21/jul./1996, p. 6.
- _____. “Giuseppe Ungaretti: Idee su Poesia e Traduzione”, in *La Traduzione. Saggi e Documenti II*. Roma, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, 1995, pp. 177-87.
- _____. *Giuseppe Ungaretti. Razões de uma Poesia e outros Ensaios: Traduções e Comentários*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH-USP, 1993.
- ZINGONE, Alexandra (org.). *Giuseppe Ungaretti 1888-1970*. Napoli, Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.